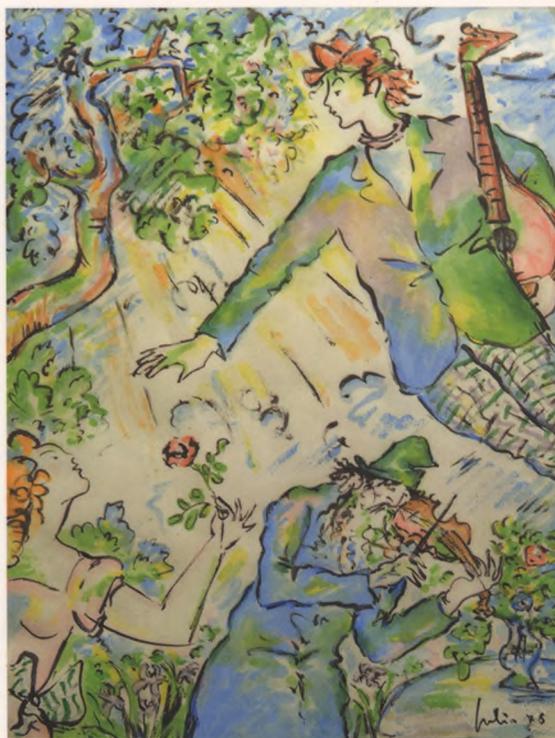


REVISTA DE
HISTÓRIA
DAS IDEIAS



ARTES

VOLUME 32, 2011

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

MITOPEIA.
NOTAÇÕES PARA UMA POIÉTICA DO TEMPO E DA HISTÓRIA
NOS ESTILHAÇOS DA ANTROPODICEIA PESSOANA

1. A gramática poiética do mundo

"O mundo não só é sonhado
Mas é dentro dum sonho um [sonho] real
Em que os sonhados são os sonhadores
Também"

Fernando Pessoa[^]

Originada no *gran Teatro del mundo* de Calderón ou no *Auto d'el rei Seleuco* de Camões, na cenografia metafísica desenhada em epígrafe (*life is dream* de Shakespeare) reconhece-se o rasto dramaturgico Moderno da teoria platónica da representação e o apólogo do desconhecido, que ao constituir a mais enigmática das *artes*, a de articular palavras (Gramática), no vértice paradoxal das *humanidades*, reconduz à comum raiz gramatical da lógica e poesia, da filosofia e matemática, da cosmologia e retórica. "A gramática é mais perfeita que a vida. A ortografia é mais importante

* Bolseiro da FCT/CEIS20.

(1) Fernando Pessoa, "O Primeiro Fausto; IV, XI", *Poemas dramáticos*, Lisboa, Ática, reimp. 1997, p. 134. Dado o distúrbio de identidades e a dispersão editorial, não se usa a norma latina de citação: *Idem, ibidem*.

que a política. A pontuação dispensa a humanidade"⁽²⁾, cartografava assim o *subjetivo universo* (Álvaro de Campos)⁽³⁾ onde se confinou quatro décadas Fernando Pessoa.

O poeta, ele e os *outr'eus* (escreve Campos), libertando-se da mesmidade para se (poder) pensar, é o tradutor dessa gramática onírica dificilmente traduzível, pois "os sonhos são como a tradução para uma língua de coisas intraduzíveis de outra", cuja complexidade outra redação alguma ousa alcançar⁽⁴⁾. Se a vida, ficção do interlúdio, se instala no intervalo do sonho (*£ no intervalo que existo*, responde por todos Álvaro de Campos⁽⁵⁾ ⁶⁾, a poesia cria a sua própria realidade ou, em antífrase, o "sentimento de irrealidade" de que fala E. Lourenço, e nela se traduz. Apesar de, imerso na Sensação, para mestre Caeiro o *pensamento ser uma doença*⁽⁶⁾ (quer dizer: desgarrado da sensação, se ambos se realizam no plano de imanência⁽⁷⁾); e após décadas de incompreensão e pre-juízos, desconstruídos por Eduardo Lourenço em 1973, relendo pistas de Jorge de Sena e Adolfo Casais Monteiro, Fernando Pessoa não é só, todos o sabemos entre nós, o mais genial criador dessa realidade mas o seu mais "cerebral", obstinado, gramático e tradutor. A experiência fantasiosa da *poiesis* e a sua narrativa sempre tentada no poema resultam de "um decorrer fora do Tempo"⁽⁸⁾, aspeto elementar também para atender à implosão heteronímica e à despersonalização como experiências outras do tempo ou circunstâncias atemporais, fora do plano cronoscópico da consciência do ser e da proteiforme experiência subjetiva do tempo, pois *Antes de nós nos mesmos arvoredos / Passou o vento, quanto havia vento / E as folhas não falavam / De outro modo do que hoje. // Passamos e agitamo-*

(2) F. Pessoa, *Aforismos e Afins* (ed. Richard Zenith), 2ª ed. revista, Lisboa, Assírio & Alvim, 2005, p. 63.

(3) Álvaro de Campos, "A Passagem das horas", trecho 70-16 a 17v, *Livro de Versos* (ed. crítica Teresa Rita Lopes) Lisboa, Referência - Estampa, p. 166, v. 66.

(4) F. Pessoa, *Aforismos e Afins*, *ob. cit.*, p. 51.

(5) Á. Campos, *Livro de Versos*, *ob. cit.*, trecho 65-55, p. 218, v. 68.

(6) F. Pessoa, *Páginas íntimas e de auto-interpretação* (ed. Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho), Lisboa, Ática, s. d. (1966), p. 349.

(7) Sobre José Gil, *Diferença e negação na poesia de Fernando Pessoa*, Lisboa, Relógio d'Água, 1999, José Martinho, *Pessoa e a Psicanálise*, Coimbra, Almedina, 2001, pp. 62-63.

(8) F. Pessoa, "Na Floresta do Alheamento", excerto para o *Livro do Desassossego*, *A Águia*, II série, vol. II, 1913, p. 40.

-nos *debalde*⁽⁹⁾ \ Neste aparente desprezo pela historicidade da consciência - apenas aparente, dir-se-á - o poeta proclama e reinstaura, à maneira clássica, a centralidade gnosiológica para a poética, anulada pela apolínea genealogia vertical das Luzes e pelo império da Ciência que, atarantando Campos, em parte algum romantismo havia superado (Goethe, o mais notório interlocutor ocasionado pelo insistente *UberFaust* pessoano). E se Caieiro desprezar o que não seja o real poético, como realidade anterior e primordial, a noeta platónica inspira todos os seus discípulos. O ideal é a *confissão de que a vida não basta*, explicitará Reis. Mas o demiurgo mais de que filósofo (trabalhador sem dados) é um poeta, um artista, o que reintegra no mundo o sentido artístico, embora, no caso de Pessoa-oficina, em distintos momentos e sentidos.

A subjetiva instância do momento (*parte externa de mim em labirintos de Deus^m*) inscreve-se na apreensão arcaica da fluidez, do *continuum* e do *tempus fugit*, não apenas nas "angustiadas" e moderno-clássicas *Odes* de Reis^{9 10 (11)} mas no "existente" *Dasein* da *Tabacaria* e do Esteves, numa evanescente e perecível temporalidade ôntica na qual a outridade irrompe como única metafísica possível, o mundo mesmo com *outras pessoas* do velho e repetido sonho da infância. A temporalidade do ser enraíza-se como inquietação na árvore do desassossego, na percepção da estranha fisicalidade do momento: improvável metonímia de si mesma, a criação poética enquanto reflexão escrita não é mais do que "uma nota à margem de um texto apagado de todo": "Mais ou menos, pelo sentido da nota, tiramos o sentido do que havia de ser o texto; mas fica sempre uma dúvida e os sentidos possíveis são muitos"⁽¹²⁾. Análogo é o registo da operação historiográfica, ao reconstituir na arqueologia do *texto* a cadeia de significados e a significância, e reescalonar numa ontologia (arquivo) o tempo a-ontológico, infinito e nada semiótico onde sem o sentido da historicidade as vozes humanas se escoam no silêncio ou olvido universal. A correlação da poesia com o tempo, a de Caieiro com um passado intuído e imemorial da Natura, a de Bernardo Soares

⁽⁹⁾ Ricardo Reis, *Odes*, Lisboa, Ática, 1970, p. 51.

⁽¹⁰⁾ Á. Campos, "A Passagem das horas", *Livro de Versos*, *ob. cit.*, p. 166, v. 68.

⁽¹¹⁾ Eduardo Lourenço, *Pessoa revisitado*, 2ª ed., Lisboa, Gradi va, 2003; Maria Helena da Rocha Pereira, "Leituras de Ricardo Reis", *Novos ensaios sobre temas clássicos da poesia portuguesa*, Lisboa, IN-CM, 1988, pp. 260-62.

⁽¹²⁾ F. Pessoa, *Aforismos e Afins*, *ob. cit.*, p. 14.

no Livro de Horas *quando* a cada segundo o tempo escorrente é puro e agostiniano pensamento, ido ao limite de se erodir a escorrência e restar apenas o arquivo pensado; o estático tempo antiaristotélico, sem unidade (também de acção) ou escoamento, de *O Marinheiro*, no lento ritmo da reminiscência sem duração; a ânsia centrífuga do tempo e a vertigem da velocidade de Campos, do *Ultimatum* e doutros muitos poemas, quando *Minuto a minuto, emoção a emoção / Coisas antagónicas e absurdas se sucedem*⁽¹³⁾ inscrevem-se (*incipit*) na *Terra formigueiro de consciências* que rola no espaço abstrato e *na noite mal iluminada realmente*⁽¹⁴⁾ e sintetiza a abissal e empírica subjetivação do poeta (poesia é a mais íntima das artes, só se aproxima do ser que nela habita, na eleição formal da matéria mental^{13 14 (15)}): "Tudo para mim é incoerência e mutação" a que apenas a poética, *criação* artística, almeja conferir significados: "Todas as coisas são "desconhecidas", símbolos do desconhecido"⁽¹⁶⁾. Só operando a partir do conceito de arte poética (tarefa horaciana de Ricardo Reis, corporizando o pensar abstrato nas *três dimensões* da palavra: ideia, imagem, ritmo⁽¹⁷⁾) se despertam imperceptíveis autorreferentes que as ciências, ou outras artes mecânicas e lógicas de uma racionalidade in-sensível, não detetam: "a finalidade da arte é simplesmente aumentar a autoconsciência humana", por "quanto mais decompomos e analisamos as nossas sensações, tanto mais aumentamos a nossa autoconsciência. A arte tem, pois, o dever de se tornar cada vez mais consciente"⁽¹⁸⁾. Heine, Goethe, E. Hartmann, Martins, leem na arte dispositivo essencial que arranca da inconsciência primitiva⁽¹⁹⁾, passagem do não-ser ao ser, se o abismo capital do ser, anota Pessoa, não se joga entre vida e morte, mas entre consciência e inconsciência⁽²⁰⁾.

(13) Á. Campos, *Livro de Versos, oh. cit.*, p. 213.

(14) Á. Campos, "A Passagem das horas", *Livro de Versos, ob. cit.*, p. 167, vs. 89-91.

(15) R. Reis, *Prosa* (ed. Manuela Parreira da Silva), Lisboa, Assírio & Alvim, 2003, frag. 61, p. 221.

(16) F. Pessoa, *Páginas íntimas, ob. cit.*, p. 18.

(17) R. Reis, *Prosa, ob. cit.*, frag. 63, p. 223.

(18) p Pessoa, *Páginas íntimas, ob. cit.*, p. 186.

(19) Oliveira Martins, *Camões, os Lusíadas e a Renascença em Portugal*, Lisboa, Guimarães Editores, 1986,1, pp. 27-28; IV, p. 151.

(20) Cf. <http://arquivopessoa.net/textos/3771>, consulta a 4-VIII-2011.

E se o "debate" estético e metafísico entre Álvaro de Campos e Ricardo Reis (ou Pessoa), sobre o "mudar de metafísica como de camisa", ilumina a difícil ou impossível dialogia do cidadão português Fernando Pessoa com a contemporaneidade intelectual - quem entenderia, fora da usual patética pedagogia partidária e da banalidade das escolas mesmas-outras da política literária, o que seja a arte, "matemática sem verdade", "triste" porque elevada abstração "desumanizada"? -, de modo similar a clara como *fazer arte das metafísicas* é o horizonte mais longínquo do poeta dramaturgo e das suas dissimulações. A *emoção do abstrato*, base do sentimento metafísico e em senso oposto do sentimento religioso, tanto do passado "Além" como da "religiosidade laica de uma humanidade futura", é o plano mais fundo na qual convergem e se movem na coreografia criativa, criaturas e criador⁽²¹⁾. Na superrealidade, a superação possível - *ingenium* - da matéria, substância da arte, é a "ciência virtual" quanto metarreal ao superar mutáveis explicações ou a ilusória cientificidade da *physis*, aparente fisicalidade mesma do Mundo. Álvaro de Campos em 1914 antevê na aproximação do furacão da Era científica e das "civilizações guerreiras" o esmagamento do mundo humano, a máquina de costura quebrada e a viúva pobre, a artesã, trespassada por baionetas, o comboio de lata da infância calçado no meio da estrada⁽²²⁾,

"E tudo doe na minha alma extensa como um Universo [...]
Mandei, capitão, fusilar os camponeses tremulos
Deixei violar as filhas de todos os paes atados a árvores
Agora vi que foi dentro do meu coração que tudo isto se passou"

A crise metafísica vai a par da crescente imposição da tecnologia da guerra; o advento da ciência moderna é a *aparição da catástrofe*, ao subjugar ditatorialmente a filosofia numa *técnica* de pensar, replicará Jaspers quando, após 1945, parecia que o olho do furacão já passara⁽²³⁾.

(21) F. Pessoa, "Athena", *Páginas de doutrina estética* (ed. Jorge de Sena, 1946), Lisboa, Ed. Inquérito, 2^{as}.d., pp. 102-03.

(22) Á. Campos, "Ode Marcial", *Livro de Versos*, *ob. cit.*, trecho 70-62, p. 134.

(23) Karl Jaspers, "Science et vérité", *Essais philosophiques*, Paris, Payot, 1970, pp. 74-76.

E porque a metafísica na diagnose pessoana entrara numa crise sem cessar será Campos, o "engenheiro", nome pragmático e o único com sede de poder a querer ser "chefe" (Pessoa não pode ser "chefe", pois *nem sabe estrelar ovos*), quem polariza o debate: a infecundidade metafísica, "em épocas como a nossa, em que a especulação social utópica é o fenómeno marcante", liga-se doutra parte à insuficiência do espírito religioso⁽²⁴⁾. Em resposta, o poeta ao encenar dupla via dramática para a dialética do eu e do múltiplo, evidencia, na exploração da aporia platónica⁽²⁵⁾ 26, como pensamento e criação se podem cindir na aparência da existência sem dela autenticamente se desprender: ficcional dádiva do sendo para o Ser, não é possível afirmar, contra credos realistas e fundamentalismos existenciais, a *identidade* do pensamento (ou da criação) com o Ser, nem, em rigor, o contrário ("o não-Ser não é"). Se, com António Mora e o ortónimo, Reis reconstrói o programa religioso no neopaganismo, Campos, o mecânico da energia abismado *por uma só linha divina / De si para si*, tentando a destruição da metafísica clássica visa, em *lógica hiperracional* e correlacionai, destituir tão-só o metafisismo "racional". O que o Decálogo crístico e Declarações humanitaristas não conseguiram, *Cristo absurdo da expiação de todos os crimes e de todas as violências*, Álvaro de Campos "sente", *Custa-me a acreditar no que existe / Pálido e perturbado não me mexo e sofro*⁽²⁶⁾. Em 1917 executa um mandato de despejo aos Mandarins da Europa, enumerando-os. Estilhaçado, incongruente, o real não Existe, escreve-o no diálogo Pero Botelho com o professor Serzedas, *a realidade não é mais o que de fundamento há nos nossos pensamentos*; cria-a metafisicamente o poeta na *hominição cognitiva* do sensível, *i. e.*, da poesia, construção, casa da língua e do possível entendimento. Ora, se urge regressarem os deuses, melhor, a eles regressar ("Os deuses não morreram: O que morreu foi a nossa visão deles"⁽²⁷⁾) e à coeterna perfeição do cosmos tal como a Filosofia grega a ideara, de igual modo urge ir à fonte platónica subverter a

(24) Á. Campos, "O que é a metafísica?", in Pessoa, *Páginas de doutrina estética*, *ob. cit.*, pp. 110-13.

(25) Cf. Karl Jaspers, *Die grossen philosophen, II*, trad. franc., Paris, PUF 10/18, 1970, pp. 102-14.

(26) Á. Campos, "Ode Marcial", *Livro de Versos*, *ob. cit.*, trecho 64-76 e 76a, p. 138.

(27) R. Reis, *Prosa*, *ob. cit.*, frag. 49, p. 181.

dominância aristotélica, revertendo o "exterior" sensível na caverna "interior" pensável e a esta o subjugando⁽²⁸⁾. Absurdo desiderato assertivo do microcosmos face ao triunfo sociológico e macroscópico do realismo aristotélico e das versões dialéticas do domínio.

O ricardiano *inútil peso* de sentir é-o assim para o ser⁽²⁹⁾ 30 31 32 33 não para a meditação, *medium*, espaço aberto para a noite, informe e ôntica ave que invade o Ser. A grande Noite, a noite absoluta, *morte visível* e gémea do silêncio infinitoTM, sono letárgico que cobre de esquecimento o momento em que humanidades acordamTM, a noite intacta dos poetas que a interrogam, é lá onde "por fora" as *estrelas cosmopolitas* de Campos se fecham *para nada do céu*⁽³²⁾ \ *The Night is Light^m*, por outras palavras, de Pessoa ainda, "if our mind could comprehend eternity or infinity, we should know everything"⁽³⁴⁾ - e até aí nada saberemos, premeditamos, nem "aproveitamos o tempo"⁽³⁵⁾. A arte - poética, em rigor, do primeiro ao último sítio da tábua gnosiológica da oficina de Pessoa e dos que contra ele ali reclamam - é a intuição reminiscente da ignorância, pois se "o homem não difere do animal senão em saber que o não é. É a primeira luz que não é mais que a treva visível", assim "o animal se torna homem pela ignorância que nele nasce"⁽³⁶⁾.

Lição que irmana sob cutâneas contradições, após o dia inaugural, 8 de março de 1914, companheiros e mestre oficinais, contra o retalhe angustiante dos seus entes. Com razão adverte o hermeneuta: "Não falta muito para que Caeiro e Reis e Campos tenham ficheiro nos registos civis reais do nosso mundo irreal. Sempre tranquiliza um pouco essa aposição de nomes de gente viva nas sublimadas metamorfoses daquele que nunca pôde, em verdade, sentir-se existente, pela violência mesma

(28) F. Pessoa, "Apontamentos para uma estética não-aristotélica", *Páginas de doutrina estética, ob. cit.*, p. 120.

(29) R. Reis, *Prosa, ob. cit.*, frag. 37, p. 144.

(30) F. Pessoa, "À Noite", *Novas poesias inéditas*, Lisboa, Ática, 1973, p. 37.

(31) Cf. Á. Campos, "Insomnia", *Livro de Versos*, trecho 70-43, *ob. cit.*, p. 259.

(32) Á. Campos, *Livro de Versos*, trecho 66c-17), *ob. cit.*, 219, vs. 1-2.

(33) F. Pessoa, "The Mad Fiddler", *Poesia inglesa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1995, p. 416.

(34) F. Pessoa, *Aforismos e Afins, ob. cit.*, p. 14.

(35) Á. Campos, "Apostilla", *Livro de Versos, ob. cit.*, pp. 242-43.

(36) F. Pessoa, *A Hora do Diabo* (ed. Teresa Rita Lopes), Lisboa, Assírio & Alvim, 1997, p. 25.

com que desejou existir"⁽³⁷⁾ 38. A tendência hiperanalítica e a minudência erudita, movidas porém pelo saudável apuro da limpidez da fonte, nas décadas posteriores à observação acentuaram-se, erodindo o enredo, dissipando fantasmas em avulsas coisificações mais do que personalizações, perigando a estranha aura da sua complexa gramática e iluminada grandeza. A narrativa egofânica (e alográfica) perde-se assim em busca dos falsos rastilhos e passadas junto às árvores da densa floresta pessoana na qual não havia *outras clareiras senão os nossos pensamentos*^m, declama no enunciado pré-heideggeriano uma das irmãs do drama *O Marinheiro* (1913). O autor escreve-se a si próprio, num *self* complexo e contraditório, o mais próximo das linguagens do inconsciente⁽³⁹⁾.

Na lição de Hegel, com Platão, o real é construção do Eu; mas Pessoa desloca-o, num outro espaçotempo, talvez anterior, *para* o Eu, pois é ele mesmo autoconstitutivo de múltiplas abstrações autognósticas, *sê plural como o universo*, para atender à realidade não-euclidiana das coisas e dos seres que (nelas e a eles) se interrogam. Melhor, tempo-momento-duração e espaço-lugar-extensão, indiciam operações lógicas e formulações essenciais do pensamento criador - *tudo o que pensamos é real, porque o pensamos* - no qual "somos o determinante determinando-se a si próprio, sendo livre"⁽⁴⁰⁾. Mesmo correndo o risco da tautologia, *vazio lógico* insubstituível na linguagem platônica⁽⁴¹⁾, o pensar mais abstrato, na convicção deísta do poeta, aproxima-se do "tipo absoluto de inteligência", o Criador, embora Deus não tenha (no tempo) consciência

⁽³⁷⁾E. Lourenço, *Poesia e Metafísica*, Lisboa, Gradiva, 2002, p. 163.

⁽³⁸⁾ F. Pessoa, *Poemas dramáticos*, *ob. cit.*, p. 44: "E os nossos sonhos eram de que as árvores projetassem outra calma que não as suas sombras".

⁽³⁹⁾ Pessoa compreende emocionalmente como as afeções sinalizam a crise do sujeito moderno face à hegemonização dos discursos científicos e ao apólogo totalizador da Ciência (cf. José Martinho, *Pessoa e a psicanálise*, *ob. cit.*, p. 29), o que levará os pós-freudianos, mormente discípulos de J. Lacan, a ver, a partir de Pessoa, o inconsciente estruturado como uma linguagem, o que se aproximava da noção lacaniana da linguagem como "aparelho de gozo". Ora, na afloração ao oxímoro, a lógica paradoxal é possível (Roman Jakobson: "Les oxymores dialéctiques de Fernando Pessoa", *Questions poétiques*, 1973), pois o inconsciente freudiano não se estrutura *em* nem conhece contradição (*ob. cit.*, pp. 20 e 28).

⁽⁴⁰⁾ F. Pessoa, "O vencedor do tempo", *Textos filosóficos II* (ed. A. Pina Coelho), Lisboa, Ática, 1968, pp. 251-53.

⁽⁴¹⁾K. Jaspers, *Die grossen Philosophen, II*, *ob. cit.*, p. 105.

de si: pensar é o instante (*tempo mental*) de aproximação ao emergir no *tempo material*⁽⁴²⁾ do ser no mundo, autoconsciência do existir. A criação poética, ao libertar da usual função lógica ordenadora da linguagem, fabrica a realidade pensável das coisas, constituindo errantes destinos ontológicos nos rituais das palavras⁽⁴³⁾ que atam sobretudo o sentido temporal original e originário do ser no mundo. Mas só o pensamento confere realidade a essa irrealidade e a essa ligação.

2. Tempo, Morte, História

"Time and space cannot by themselves make individuality [...] A dead man occupies Time and Space, but has no individuality, no Being"⁽⁴⁴⁾, é a lição comum porquanto religa imaginários *compagnons de route* ao solitário e à sua visão trágica do Tempo inscrita na antropologia do domínio. Se, no tempo histórico, a domesticação dos animais (*a*) marcou a primeira fase do domínio antropológico do mundo, é com a distinção social entre a "raça superior" e a "raça inferior" (*b*) que se descobriram os ócios e as artes e por fim (*c*) "*uma raça reproduzindo o fenómeno anterior dentro de si própria, se separou em senhores e escravos ou inferiores. A nossa civilização é isto evoluindo*"⁽⁴⁵⁾.

Olhar a ampulheta escoante do tempo

Esta linguagem não é a de Gobineau e do neodarwinismo; é o linguajar libertário e autotélico de Nietzsche (não de Tolstoi, desprezado no imo) da denúncia niilista e, sem o celta-arianismo, a língua ordeira de Oliveira Martins de *O Helenismo e a civilização cristã*. Aqui se recoloca o

^mVide esta distinção na carta a Tomás Ribeiro Colaço, s.d. (1934), F. Pessoa, *Correspondência. 1923-1935* (ed. Manuela Parreira da Silva), Lisboa, Assírio & Alvim, 1999, p. 333.

⁽⁴³⁾ P. Archer "Heteronomia e heterodoxia. Pessoa como *problema* [...]", *História, suo tempore*, Coimbra, Ed. A., 1995, pp. 40-44; e *Sentido(s) da utopia*, Tomar, O Contador de Histórias, 2002, pp. 67-74.

⁽⁴⁴⁾ F. Pessoa, *Textos filosóficos II, ob. cit.*, p. 39.

⁽⁴⁵⁾ F. Pessoa, *Páginas íntimas, ob. cit.*, pp. 312-13.

problema central da liberdade da "plebe", "apertada, restrita, para que so os deveras dignos dela possam passar-lhe as malhas", e que solicita contudo "ao escravo contemporâneo a sua libertação" numa visão aristocrática da República que entrega a liberdade de pensar *aos que podem pensar*⁽⁴⁶⁾. A percepção aristocrática de uma teogonia na qual só os deuses - o indecifrado - parecem capacitados para achar uma explicação cósmica da vida, reduz a historicidade ao palco da representação e ao desempenho dos seus actores mais representativos, os que sintetizam (*representative men* de Carlyle) o espírito de uma época: heróis (auxiliados pelos deuses, não está neles "a luz que lhes estrela a frente"), santos (a quem Deus cegou para não verem o Mal) e génios que, pelo espírito, da *lei da morte se vão libertando*. Génios, santos e heróis fundam ao modo martiniano o simultâneo expoente superador e própria "encarnação da ideia coletiva", não por modificarem os *corsi* históricos mas por favorecerem, a providenciais e sem uma mecânica voluntária e causal, a eclosão do acaso no palco trágico⁽⁴⁷⁾.

Na extraordinária e comovida evocação de Mário de Sá-Carneiro, com Whitman ("eu sou Teu"), Milton, Camões, *alter ego* que não efabulou, de novo a trindade é usada para entender como "à indiferença que circunda os génios" se aliou "o escárnio que persegue os inovadores, profetas, como Cassandra, de verdades que todos têm por mentira". A transição histórica para as sociedades de massas e os equívocos do horror a que esse processo conduziu, se "hoje, mais do que em outro tempo, qualquer privilégio é um castigo", aclaram o motivo e o modo pelo qual "as plebes de todas as classes cobrem, como uma maré morta, as ruínas do que foi grande e os alicerces desertos do que poderia sê-lo"⁽⁴⁸⁾. Massificação, banalização dos artefactos culturais e artísticos são síndromas do desgaste, qualitativa erosão que é repetição e mimése, a *cultura rápida* proporcional ao ganho que despreza o *imoral* epicurismo da sua formação, descreve-a Nietzsche⁽⁴⁹⁾; o horror do olvido, do anonimato, do vazio massificador, não o da morte (*I know not what tomorrow*

⁽⁴⁶⁾R. Reis, *Prosa, ob. cit.*, frag. 31, pp. 128-29.

⁽⁴⁷⁾ Oliveira Martins, *O Helenismo e a civilização cristã*, Lisboa, Guimarães Editores, 1985, Int., pp. 8-9.

⁽⁴⁸⁾F. Pessoa, *Paginas de doutrina estética, ob. cit.*, pp. 91-94.

⁽⁴⁹⁾ Nietzsche, *Sur l'avenir de nos établissements de l'enseignement*, Paris, Gallimard, 1974, p. 44.

will bring) mas o da morte de pensar, a estrada inteiramente insubjetiva, branca, branca sem pensamento algum^m, "um desassossego por saber que a vida não basta"^{50 (51)}, atiram Pessoa para o planeado panteão dos gênios, lugar *post mortem* de reunião dos seus entes prospectivos, pela única razão que nele há muito sentia a hiperbólica instância:

"Que a morte me desmembre em outro, e eu fique
Ou o nada do nada ou o de tudo
E acabo enfim esta consciência oca
Que de existir me resta"⁽⁵²⁾.

Nalguns textos mais significativos em prosa, assinados ou atribuíveis ao ortónimo, Pessoa procura resolver o problema de achar uma matriz unificante - transcendente unidade - que supere ou confedere os sentidos da fragmentária caoticidade do mundo em que se revê nos seus múltiplos personagens, como, insistindo na leitura de Jacinto do Prado Coelho, mas sem se imiscuir em preconceitos e juízos pedagógicos de escola, claramente sublinhou R. Zenith⁽⁵³⁾. Fica por saber se a transcendente unidade, a mística percepção de um "ente supremo", a rebelião anticristica que nos esboços cabalísticos e ocultistas procura, decorria da caoticidade e abismo mesmo no qual se encerrava ou, antes, na insistência nietzschiana, contra a Redenção, de um "retorno" a um Paraíso inicial, talvez iniciático (mas sem mestres vivos que o guiem), que tinha por referente obsessivo a "unidade antecedente e primordial" lida no mundo Grego. Oculto é o signo da atração pelo pensamento mítico, o não-sabido, o indecifrado. Assoma a raiz gnóstica Judaica no poeta sem-terra que nunca renegou a genealogia hebraica da qual herdou o desejo místico do Nada e a "mitologia da vontade criadora" que o transfigura⁽⁵⁴⁾.

⁽⁵⁰⁾Á. Campos, *Livro de Versos*, frag. 71-33, *ob. cit.*, p. 372.

⁽⁵¹⁾R. Reis, *Prosa*, *ob. cit.*, frag. 49, p. 186.

⁽⁵²⁾F. Pessoa, *Poemas dramáticos*, *ob. cit.*, p. 129.

⁽⁵³⁾ Richard Zenith, "Em busca do tempo futuro", in F. Pessoa, *Heróstrato e a busca da imortalidade* (ed. R. Zenith), Lisboa, Assírio & Alvim, 2000, p. 16.

⁽⁵⁴⁾ Cf. O. Martins, *Systema de mythos religiosos*, 4ª ed., Lisboa, P.^a A. M. Pereira, 1922, p. 161.

Em trechos de *Heróstrato*, o poeta sintetiza a teoria estrutural e ternária do tempo não cumulativo e não linear que ilumina a sua produção literária. *Primo*, reconhece o *tempo* antropológico de duração indefinida, "subjacente a tudo, a humanidade é esse tempo indefinido da sua duração a que a nossa linguagem contingente chama eternidade". Sobre essa temporalidade de fundo agostiniano e hegeliano, Cronos e finito são formas transitórias e coeternas do infinito numa unidade indissolúvel, se inscreve e ergue, *secundo*, civilização e sociedade, cuja duração estrutural (*época*) é determinada ou determinável; por fim, da espuma e na espuma dos dias desenrola-se a temporalidade instantânea das "pequenas coisas específicas do aqui e agora"⁽⁵⁵⁾. Dado o carácter não necessariamente cumulativo e diacrónico "entre níveis", estes "podem ter uma estrutura semelhante ou diferente", *i. e.*, no caso da Hélade, os três níveis "eram praticamente contínuos", compreensivos e consubstanciais com o conceito de *civilização*, quer no sentido do *locus* (e do tempo) paradigmático da *sociabilidade crítica*, a "mentalidade objetiva" que Reis reclama, quer no sentido do Paraíso inicial do qual os arcanjos expulsaram os homens e "guardaram eternamente as suas portas inúteis"⁽⁵⁶⁾. O retorno, no superCamões (retomado em *Mensagem*), ao estatuto artístico e epopeico, *mitopeico*, que superasse "pelo decurso da sua futuridade"⁽⁵⁷⁾ *Os Lusíadas* e *Paradise Lost* de Milton, numa epopeia negativa e da negação (E. Lourenço) conquanto "as epopeias envelhecem como o próprio Deus"⁽⁵⁸⁾, e a correlata campanha pela reforma neopagã, que Nietzsche propusera contra os Reformadores do século XVI mas, ao invés do filósofo, não o paganismo nórdico de um *Baco alemão* para a reconstrução do "romanismo", decadente paganismo cristão, regulam a visão de Ricardo Reis, o mais próximo tradutor do Pessoa epopeico⁽⁵⁹⁾.

⁽⁵⁵⁾F. Pessoa, *Heróstrato*, *ob. cit.*, p. 75.

⁽⁵⁶⁾F. Pessoa, *Heróstrato*, *ob. cit.*, pp. 75-76.

⁽⁵⁷⁾F. Pessoa, "A inutilidade da crítica", *Heróstrato*, *ob. cit.*, p. 249.

⁽⁵⁸⁾ F Pessoa, *Heróstrato*, *ob. cit.*, p. 120; E. Lourenço, *Pessoa revisitado*, *ob. cit.*, p. 151; P. Archer, *Sentido(s) da utopia*, *ob. cit.*, p. 71.

⁽⁵⁹⁾ R. Reis, *Prosa*, *ob. cit.*, frag. 14, p. 81: "O ódio de Nietzsche ao cristismo aguçou-lhe a intuição [...]. Mas errou, porque não era em nome do paganismo greco-romano que ele erguia o seu grito, embora o cresse; era em nome do paganismo nórdico dos seus maiores. E aquele Diónisos, que contrapõe a Apoio, nada tem com a Grécia. É um Baco alemão. Nem aquelas teorias desumanas, excessivas tal como as cristãs, embora em outro sentido, nada devem ao

No prefácio sempre inacabado à obra do mestre Caetano, o que teve a dor de pensar⁽⁶⁰⁾ ⁶¹, *livramento, refúgio, libertação* - "Não nos libertámos de nada, de modo nenhum. O nosso medo faz-nos continuar a criar novos deuses, a que a nossa sobreposição de valores dá outros nomes do que deuses. A tirania absurda dos nomes de rei e de nobre não tirou as mãos de cima das nossas almas. Continuamos escravos de preconceitos, medrosos dos ridículos, incapazes de criar novos métodos e novas visões⁽⁶¹⁾ - aparecem como os corolários (e os signos) dessa leitura literalmente infundável: "Lendo-o participamos da ingenuidade primeva de quem, no espírito da humanidade, nascesse dos primeiros deuses. Recuamos a uma ante-manhã de que Homero foi apenas a aurora e onde jaziam, confidenciais, os segredos da Noite geradora"⁽⁶²⁾.

Assim, e movendo o latente núcleo conceptual de processo, mutação e resistência, devir, no "fluxo e refluxo eterno"⁽⁶³⁾, ao pesar em *Impermanence* circunstâncias que asseguram não a duração do artista *post mortem* (mera inadaptação ao meio) mas a da obra de arte literária, requisitos semiológicos e condições históricas da posteridade que intrinsecamente possuiriam (ou não), Pessoa apela de novo ao paradigma clássico da arte grega "profundamente enraizada no solo do Tempo", porquanto a "Grécia antiga foi, de todas as nações, a que mais estava em harmonia com as leis eternas da civilização e da cultura", no sentido "dessa fusão peculiar nunca noutra tempo e local levada a cabo, pois o nacional e o eterno encontram-se na Grécia"⁽⁶⁴⁾. Originalidade e universalidade, o singular e o comum, unem-se em máxima tensão no meridiano estético, se *aisthesis* for a anunciação crítica da diferença sobre o unificante enunciado ético. Aclara-o na crítica ao Camões lírico, regrante do estrito cânone petrarquiano "desnacionalizado" da arte, antepondo-lhe Antero,

paganismo claro e humano dos homens que criaram tudo o que verdadeiramente subsiste, resiste e ainda cria adentro do nosso sistema de civilização". Relia a não assimilação meridional da mitologia germânica, sublinhada in O. Martins, *Camões, ob. cit.*, pp. 167-68.

⁽⁶⁰⁾R. Reis, *Prosa, ob. cit.*, frag. 37, p. 144.

⁽⁶¹⁾R. Reis, *Prosa, ob. cit.*, frag. 49, p. 185.

⁽⁶²⁾R. Reis, *Prosa, ob. cit.*, frag. 38, p. 145.

⁽⁶³⁾V. g., Á. Campos, "O que é a metafísica?", in F. Pessoa, *Páginas de doutrina estética, ob. cit.*, p. 111.

⁽⁶⁴⁾F. Pessoa, *Heróstrato, ob. cit.*, pp. 213-214.

o referente escondido quase⁽⁶⁵⁾, "discípulo da filosofia alemã" cuja poesia "não é discipula de coisa alguma"⁽⁶⁶⁾.

No tempo fluxível cabe distinção fulcral, quanto subtil: se o Tempo é o de uma eternidade sem princípio nem fim, a imortalidade *inaugurada* pela arte, atendendo à "substância eterna da alma do homem" - num juízo que arrepia o substancialismo aristotélico a despeito da expressão, e afirma uma alma espiritualizada - a obra de arte destinada à "imortalidade" num mundo impermanente inicia um ciclo de duração sem termo, é marco do que começa mas não cessa, *i. e.*, miliário do mundo especificamente antropológico que excede e supera, numa *inter secção* de temporalidades, "sentimentos de uma civilização", a "língua de um país", os "pensamentos de uma época" e, claro, o "estilo de um estado de espírito passageiro"⁽⁶⁷⁾ ⁶⁸. É a criação (*faciendum*) e não a criatura (*factum*) que(m) almeja a imortalidade: na subida d' *os mortais da Terra ao Céu*^m, o ser "superior" arde não no desejo da eternidade mas no fogo imortal da sua obra. Toda a réplica do original e profundo salto que reclama para a arte é mimética subordinação, insciente e feliz, escreve-o em "O provincianismo português", à civilização que se pensa integrar sem nela autenticamente participar, porque o acto criativo dela não participa, e na qual se nutre basbaque e superficial admiração do "progresso" e do "moderno", importações decadentes da Europa sem o irónico *detachment* de si mesmo, que faz afinal do pseudoironismo queirosiano a mais provinciana e radical adulação e simulação do "progresso" e do "moderno"⁽⁶⁹⁾. Esse não deixa de ser "o verme cristão" que "tudo adoeceu dentro de nós": "não sabemos mandar nem obedecer; não sabemos querer ou pensar"⁽⁷⁰⁾. Noutras palavras, ditas à beira da morte pelo Barão de Teive (para sempre depositado à beira da morte) em *A Educação do Estoico*: a tradicional educação para a eternidade, cujo veio triste e pessimista é

(65) //Para falar com propriedade, não havia literatura portuguesa antes de Antero de Quental: antes o que havia era uma preparação para uma futura literatura, ou uma literatura estrangeira escrita em português" escreve a William Bentley em 1915 - E Pessoa, *Correspondência. 1905-1922* (ed. Manuela Parreira da Silva), Lisboa, Assírio & Alvim, 1999, p. 197.

(66) F. Pessoa, *Páginas de doutrina estética, ob. cit.*, p. 136.

(67) F. Pessoa, *Heróstrato, ob. cit.*, p. 215.

(68) Luís de Camões, *Os Lusíadas*, Canto I, 65.

(69) F. Pessoa, *Páginas de doutrina estética, ob. cit.*, p. 137.

(70) R. Reis, *Prosa, ob. cit.*, frag. 49, p. 183.

"reaccionário" e "retrógrado" sinal de uma *alma decadente*⁽⁷¹⁾, aniquila o sentido original e a pulsão criativa da imortalidade.

Visão cíclica alinear nos estilhaços pessoais

Tesa em nós o passado e o futuro
Dorme em nós o presente. E a sonhar
A alma encontra sempre o mesmo muro
E encontra o mesmo muro ao despertar.⁽⁷²⁾

Se na poesia se dá a hipérbole pessoal da experiência do não-tempo, como evidenciou Eduardo Lourenço, a concepção ternária do tempo é resistente nas páginas do poeta e inspira uma percepção cíclica, amecânica e alinear da historicidade. A apreensão dos grandes ciclos, que a vulgata dos *corsi e ricorsi* vicquianos na historiografia oitocentista normativizara, orientam a sua perspectiva e prospectiva: *my hypothesis that all progress is based on a degeneration*[^]. Se a Grécia é um regresso ao ponto de começo de todos os ciclos civilizacionais, "as civilizações vão por grandes ciclos, o fim de cada qual é criar na humanidade um tipo cada vez superior de abstração", ou seja "uma oitava a cima" na sinfonia cósmica do saber humano⁽⁷⁴⁾. Mas "as grandes épocas criadoras das grandes nações de quem a civilização é filha", são precedidas ou anunciadas "nas épocas sublimes de uma nação"⁽⁷⁵⁾, pelas grandes criações e correntes literárias que à frente vão iluminando a treva. "São eras sobre eras, e tempos atrás de tempos, e não há mais que andar na circunferência de um círculo que tem a verdade no ponto que está no centro"⁽⁷⁶⁾. O desaparecimento espacial (e temporal) do círculo e da circunferência pascaliana não omite o centro (o "princípio") teosófico do mundo, mas as suas epifanias e "demonstrações".

⁽⁷¹⁾ F. Pessoa, *Da República (1910-1935)*, ed. Joel Serrão, Lisboa, Ática, 1979, 92C-96/97, pp. 113.

⁽⁷²⁾ F. Pessoa, "Elegia na sombra", *Novas poesias inéditas*, ob. cit., p. 125.

⁽⁷³⁾ F. Pessoa, *Páginas íntimas*, ob. cit., p. 310.

⁽⁷⁴⁾ F. Pessoa, *Páginas íntimas*, ob. cit., p. 312.

⁽⁷⁵⁾ F. Pessoa, "A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente considerada", *A Águia*, II, vol. 1, 1912, p. 106.

⁽⁷⁶⁾ F. Pessoa, *A Hora do Diabo*, ob. cit., p. 25.

Vindo do triteísmo e do messianismo, e da tradição profética e hermética da Idade do Ouro projetada em *História do futuro* de António Vieira, valida a lição de E. Gibbon, ligada às historiosofias iluministas, para quem no mundo antigo a sabedoria humana brota das duas irracionais forças, barbárie e religião, que mobilizam subterraneamente a História: o presente instala-se no intervalo entre a Idade do Ouro, perspectivada no passado, ponte com humanistas do Renascimento que acentuavam as teogonias clássicas; e a intuição prospectiva do Apocalipse redentor, a Idade da sabedoria, que não é mais do que o enunciado secularizador do Reino do Espírito. Esta tese condiciona a ideia de "decadência" e degeneração do presente, mote para ulteriores historiosofias românticas aspirarem à "regeneração" burguesa do tempo e do mundo; mas ao contrário do autor inglês, certamente referido e estudado na escola de Durban - numa educação "toda inglesa"⁽⁷⁷⁾, "factor de suprema importância na minha vida"⁽⁷⁸⁾ -, que vira na *Pax romana* do período antonino a época áurea, Pessoa pensa o *romanismo* como a acentuada degeneração, conceito explicitamente acolhido em Max Nordau, da matriz helénica. Ao alastrar decadente no *crístismo*, "dissolução" a si inerente, o romanismo gera o humanitarismo (o neopaganismo católico de Martins⁽⁷⁹⁾), "último baluarte da doutrina cristã"⁽⁸⁰⁾; e daí que o renascimento pagão anunciado por Reis / Mora, validando a visão martiniana do cristianismo como síntese do espírito iluminado da Hélade e do misticismo judaico⁽⁸¹⁾ ⁸², evidencie a dúplice criatividade do mito - o mito como história e o mito como fábula na sua estruturante *capacidade mitopeica*^m - e funde o programa racional domesticador da imaginação e paixão, pois *paganism as corresponding to the religion for a scientific age*. Como corolário, a emoção, irracional explicação da história e da vida, seria diacronicamente comutada, como nas premissas de Vico,

(77) Texto (1935) destinado a publicação que não chegou a editar: F. Pessoa, *Textos de intervenção social e cultural*, ed. António Quadros, Mem Martins, Europa-América, 1986, p. 127.

(78) Carta ao *British Journal of Astrology*, 8-II-1918, F. Pessoa, *Correspondência. 1905-1922*, *ob. cit.*, p. 258.

(79) Oliveira Martins, *Camões*, *ob. cit.*, IV, p. 149 ss.

(80) F. Pessoa, *Páginas íntimas*, *ob. cit.*, p. 272 ss. e 282-283.

(81) Cf. Oliveira Martins, *O Helenismo e a civilização cristã*, *ob. cit.*, Int., 18-19; F. Pessoa, *Páginas íntimas*, *ob. cit.*, pp. 434-435.

(82) F. Pessoa, *Páginas íntimas*, *ob. cit.*, p. 285.

Hume, Gibbon, pela filosofia de cariz racional, porquanto deuses são *as ideias humanas em passagem de noções concretas para ideias abstratas*^m. Compreende-se porque no mito lê o *nada que é tudo*: ele permite criar a endógena visão do tempo sem recorrer ao minucioso conhecimento histórico (poesia não é história), mas servindo-se da história como vestígio hipotético ou estilhaço narrativo de uma mitopoética, quer dizer, de uma construção mítica assente, *inscrita* sobre a mesma construção linguística em que se exprime, deslocando o campo da história como modalidade da arte dramática (a *trama* mais elevada ideada por Nietzsche^{83 (84)}) para o chão onírico da arte poética ("intelectualização da sensação através da expressão" escrita, mediada pelo pensamento⁽⁸⁵⁾) como processo sintético de *engenh*ar uma narrativa histórica ao conferir-lhe sentidos objetivantes, o que não quer dizer significações "autênticas" mas tão-só impercetíveis pelas lógicas mecânicas da causalidade.

Análoga concepção cíclica, não circular nem linear, encontrava-se já enunciada na inicial colaboração de *A Águia* (1912), quando esboça o confronto das experiências históricas das duas potências hegemónicas europeias (e mundiais), Inglaterra e França. Obstar-se-á que Pessoa ainda milita no saudosismo, do qual se afastará, por morte à nascença do europeísmo "civilizador" que ali esperava⁽⁸⁶⁾; objetar-se-á ainda que esses textos correspondem a básico esquematismo, como esquemática é *History of England* de David Hume⁽⁸⁷⁾. Mas é certo que esta periodização histórica, com nuances, percorre como referente a sua obra, poética e prosaica. Ora, tal como a República de Cromwell afigurou o "período criador" correlato de "um dos grandes princípios civilizacionais", o do *governo popular*, assim a Revolução francesa o iria transformar na *democracia republicana*; mas o 2.º grande período da história política inglesa, o da queda da República (da revolução de 1688 arrastando-se até

⁽⁸³⁾F. Pessoa, *Páginas íntimas*, ob. cit., p. 310.

⁽⁸⁴⁾ Hayden White, "Nietzsche: defesa de la historia en el modo metafórico", *Metahistoria. La imaginación histórica en la Europa del siglo XIX*, México, FCE, 1992, pp. 332-35.

⁽⁸⁵⁾F. Pessoa, *Heróstrato*, ob. cit., p. 100.

⁽⁸⁶⁾ Jorge de Sena, "Notas" a F. Pessoa, *Páginas de doutrina estética*, ob. cit., p. 235.

⁽⁸⁷⁾ Cf. R. G. Collingwood, *A ideia de História*, Lisboa, Presença, 1981, pp. 104-105.

1780-1832), corresponde à época "absolutamente estéril" na qual nada criou "nem mesmo a sua própria grandeza"; no 3.º período, persistindo porém em "nada criar de civilizacional", a Inglaterra hegemonizou no mundo "a sua própria grandeza". É antiga a denúncia de Charles Robert Anon do imperialismo britânico, sócia, também em Karl R Effield, da forte consciência social⁽⁸⁸⁾.

Algo similar ocorrera, nos mesmos termos mas em épocas e ciclos distintos, no caso francês: se o *Ancien Régime* "nada criou para a civilização", na própria grandeza e hegemonia mundiais, de 1789 a 1870, a França "cria para a civilização a ideia de democracia republicana", tão criativa quanto a da matriz cromwelliana, entrando depois em período de abatimento. Na visão cíclica, além das remissões circulares da cronologia estanque, é muito discutível como debaixo da mesma "ideia" o contrário se venceu (I império, restauração, II império) ou ela mesma se reafirmou (a santa liberdade de 1830, a "primavera dos Povos" de '48) e como se pode deixar de fora a ideia comunalista - e democrática - da Res publica (1871)⁽⁸⁹⁾, a não ser que entendamos o *excesso*, na matriz conservadora do poeta, como a raiz da degradação da árvore da vida mas não da árvore da sabedoria. A ideia vitalista, autofágica e ontogénica (nascimento, apogeu e queda) das civilizações não é estranha, mais uma vez, à leitura de Oliveira Martins: nações e povos, no declinar do seu ciclo de crescimento, ao isolarem-se das trocas culturais e do comércio mundial tendem a cristalizar-se e a desaparecer na voragem da História⁽⁹⁰⁾.

A enunciação da Modernidade, "da Revolução Francesa [...] até aos nossos dias", sintetiza o "acréscimo da vida científica, das invenções e aperfeiçoamentos constantes da ciência" pois "os progressos da ciência e da aplicação [positiva] da ciência dominam toda a época moderna e dão-lhe o tipo civilizacional"⁽⁹¹⁾. Ora, a acumulação da mobilidade, de comunicação e transporte, das indústrias e da actividade comercial, conduziram ao acréscimo (cumulativo) do "conteúdo mental da experiência humana" possibilitada "pelo próprio progresso da ciência,

⁽⁸⁸⁾ R. Zenith, "Karl P. Effield. O pré-heterónimo de Boston", *Ler*, II série, fev. 2011, pp. 36-40.

⁽⁸⁹⁾ Cf. F. Pessoa, "A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente considerada", *A Águia*, IF, vol. 1, 1912, pp. 101-07 e "Reincidindo...", *ibidem*, pp. 137-44.

⁽⁹⁰⁾ O. Martins, *O Helenismo e a civilização crista*, *ob. cit.*, Int., p. 11.

⁽⁹¹⁾ F. Pessoa, *Páginas íntimas*, *ob. cit.*, pp. 193-94.

entendendo não só a ciência positiva, mas as ciências históricas e outras" que traduzem "a maior ânsia de cultura" e a "especialização crescente dos misteres (intelectuais e outros)" que levaram ao "internacionalismo", *cosmopolitismo* no qual ao decair o "sentimento nacional" cada nação paradoxalmente "passou a ser mais rica dentro de si própria", quanto subjugada pela "mentalidade comercialista". E se "a era das máquinas produziu, nos indivíduos da Europa, um individualismo excessivo, uma ânsia feroz de viver em toda a extensão a vida individual, um abandono correspondente e concomitante, resultante do senso moral, das prisões da religião, dos chamados preconceitos que haviam sido a base da vida nos séculos anteriores", no plano social o crescente abismo entre classes, o capital e o trabalho, se traduziu no fosso cultural cada vez mais fundo entre "povo da educação" e "aristocracia do pensamento"⁽⁹²⁾. Quanto à "decadência portuguesa", convergente com o início da Modernidade "alógena", seria tipificada pela "corrupção, a desnacionalização e o radicalismo político" e perfuraria três períodos: de D. Manuel I à "anexação espanhola", de 1640 até ao constitucionalismo (1820) e o terceiro coextenso com a monarquia constitucional prolongar-se-ia na República⁽⁹³⁾.

Estado, classes, religião, civilização, *ficções sociais*, são formações temporárias e artificiais destinadas a desaparecer; a utopia da "sociedade natural" e duma "felicidade natural", a pura anarquia da "abolição de todas as ficções" seria incompatível com o facto de a sociedade ser ela mesma "essencialmente uma ficção"⁽⁹⁴⁾ ⁹⁵. Na sociologia radical, só indivíduo, nação e humanidade, são realidades sociais: o indivíduo, conceito *biológico* do vértice supremo dessa realidade, de acordo com o ideário liberal do poeta (*libertário* no sentido republicano de Ph. Pettit, na defesa da clave das liberdades civis, a de pensar); a nação (território, língua, continuidade histórica ou cumulativamente todos), ao modo herderiano é segmento intermédio, historicamente consolidado, mediador e particularizador da ideia de humanidade, cujos contornos reais são mais esbatidos; a humanidade é a espécie, o *conceito zoológico*⁽⁹⁵⁾

⁽⁹²⁾Cf. E Pessoa, *Páginas íntimas*, ob. cit., pp. 195-99.

⁽⁹³⁾ F. Pessoa, *Da República (1910-1935)*, ob. cit., frgs. 92C-82 a 92C-98, pp. 110-15.

⁽⁹⁴⁾F. Pessoa, *O banqueiro anarquista*, Lisboa, Antígona, 1981, pp. 22-25.

⁽⁹⁵⁾F. Pessoa, *Textos de intervenção social e cultural*, ob. cit., p. 127.

do segundo vértice mais forte da tríade da realidade social. Como corolário dos vértices da triangulação *sociológica, em sitio algum* - mesmo na desilusão⁽⁹⁶⁾, ou no apólogo autoritário e de soluções ordeiristas de tipo nacionalista, mormente das ditaduras militares no sidonismo e no *Interregno* de 28 de maio de 1926, ele que se afirma no simpósio dos *outr'eus* "nacionalista místico" e "sebastianista racional"⁽⁹⁷⁾ - Pessoa abdica da afirmação liberal, de matriz anglo-saxónica⁽⁹⁸⁾, dos fundamentos éticos da sua conceção antropológica do ser, se bem que perturbada pela apreensão *primária da antinomia entre "superior" e "inferior"*: a liberdade de consciência e de pensamento e o conceito supremo da dignidade humana, iludidos por intérpretes conjunturais que, ao longo do nacional-situacionismo e depois dele, privilegiaram o terceiro pilar, totem excomungado e adulado, o pilar *nacionalista*, o mais visível mas o mais problemático e complexo de um poeta, até muito tarde, bilingue e desde sempre com uma "distância" crítica e uma proximidade analítica que faz dele o mais europeu e europeísta dos poetas portugueses, precisamente ao recusar o minimalismo dos "sinos da minha aldeia".

O retorno ao paganismo e ao ideal metafísico helénico "o mais trágico e profundo" em oposição à "feliz" metafísica búdica e cristã, incapaz de se acercar da imperfeição da vida⁽⁹⁹⁾, é, afim a Martins, tributo à civilização (nome greco-romano da primeira Idade do ser) que descobriu o "homem

⁽⁹⁶⁾ Escreve (finais de 1931) a J. G. Simões: "Pasma hoje, com vergonha inútil (e por isso injusta) de *quanto admirei a democracia e nela cri*, de quanto julguei que valia a pena fazer um esforço para bem da entidade inexistente chamada 'o povo', de quão sinceramente, e sem estupidez, supus que à palavra 'humanidade' correspondia uma significação sociológica, e não a simples acepção biológica de 'espécie humana'" - F. Pessoa, *Correspondência. 1923-1935, ob. cit.*, p. 250, *sub. ns.*

⁽⁹⁷⁾ Carta a Adolfo Casais Monteiro, 13-1-1935, F. Pessoa, *Correspondência. 1923-1935, ob. cit.*, p. 338.

⁽⁹⁸⁾ "O liberalismo substancial inglês corresponde a uma vida de opiniões debatidas e de liberdades individuais autênticas. O liberalismo do continente, e sobretudo o peninsular, corresponde a uma inércia e a uma incapacidade de disciplina. Confundir os dois fenómenos equivaleria a confundir a ânsia de liberdade do homem de génio com a incapacidade de esforço do vadio e do mendigo" - F. Pessoa, *Da República (1910-1935), ob. cit.*, "Interregno", frag. 111-151, p. 382.

⁽⁹⁹⁾ F. Pessoa, *Páginas de doutrina estética, ob. cit.*, pp. 52-53

livre ⁽¹⁰⁰⁾ ¹⁰¹ ¹⁰² ¹⁰³ e esse o seu programa de libertação, gémeo do desígnio nietzschiano de individuação face ao "constrangimento social⁽¹⁰¹⁾, mesmo quando sob a capa de insincera *política poética*⁽¹⁰²⁾ se abriga a plena sinceridade do *gozo de ser nada em liberdade*^{im}). E mais discutível ainda resulta que a sua "pátria" seja, tão-só, a língua portuguesa, como queria Bernardo Soares, mesmo se por ela Pessoa optou, senão as línguas (escritas na solidão, a sua "pátria" no sentido nietzschiano⁽¹⁰⁴⁾ * *) em que se exprimiu na fala unlvseralizante da poesia. Hermenêutica maior falta ainda ao poeta anglo-saxónico e seus entes britânicos. Se Pessoa não inventou uma língua, a sua, criou gramáticas plurais para a sua poética e mítica leitura. Entre entificações, *não sei quantas almas tenho*⁽¹⁰⁵⁾, essas gramáticas asseguram surpreendente coerência ao ente na leitura do tempo e na representação da história. Coerência ida ao limiar da oblação da existência, ou aspectos dela usualmente julgados essenciais, a troco da plena vida das *personae*. O imo criador visaria fiar a posteridade da ficção, existência semiótica do mito, uma *mitopia* que é mitopeia criadora de novas humanidades, para quem, na poesia antimetáfísica, a metafísica são os outros. E se, com Herder, só o espírito das artes pode desvelar o futuro pois o *futuro pega em nós como num fruto, tira-nos a casca e fica com a polpa*⁽¹⁰⁶⁾ \ seria a arte a "criar uma tendência", refazer a cultura: "depois os futuros encontrarão práticas para essa teoria"⁽¹⁰⁷⁾. Ilimitada literatura aberta, futuro é tempo e mónada da antropodiceia pessoana do persistente achamento da liberdade para pensar,

⁽¹⁰⁰⁾ cf o. Martins, *O Helenismo e a civilização cristã*, ob. cit., Int., p. 21.

⁽¹⁰¹⁾ Peter Sloterdijk, *Sobre la mejora de la buena nueva. El quinto "Evangelio" según Nietzsche*, Madrid, Ed. Siruela, Ensayo, 2004, pp. 89-90.

⁽¹⁰²⁾ Carta a João de Castro Osório (1932), F. Pessoa, *Correspondência. 1923-1935*, ob. cit., p. 276.

⁽¹⁰³⁾ p Pessoa, "*Servo sem dor de um desolado intuito*", *Novas poesias inéditas*, ob. cit., p. 98.

⁽¹⁰⁴⁾ Cf. Américo Enes Monteiro, *A recepção da obra de Friedrich Nietzsche na vida intelectual portuguesa (1892-1939)*, Porto, Lello Editores, 2000, p. 288.

⁽¹⁰⁵⁾ £ p_{pessoa} "*Não sei quantas almas tenho*", *Novas poesias inéditas*, ob. cit., p. 48.

⁽¹⁰⁶⁾ j £ Herder, *Também uma filosofia da história para a formação da humanidade*, Lisboa, Antígona, 1995, II Scç., p. 113.

⁽¹⁰⁷⁾ R. Reis, *Prosa*, ob. cit., frag. 87, 267.

"Não ! Só quero a liberdade [...]
Quero respirar o ar sozinho,
Não quero pulsações em conjunto,
Não sinto em sociedade por quotas"⁽¹⁰⁸⁾.

3. Da Arte para a História: *Mensagem* e o tempo do fulgor pagão

Subvertendo a narrativa poética, épica e epopeica, modalidade arcana da *ars historiae*, em inovadora *ars poetica*, "imposição geral da vida à matéria mental", "idealização humana da palavra"⁽¹⁰⁹⁾, arte do tempo no ritmo do tempo, irmã pobre em palavras da exuberante música, e anteposta à escultura, arte do espaço, em *Mensagem* Pessoa circunscreve todavia um texto clássico em "versos de almas tranquilas", confessa em dezembro de 1934 a Artur Portela. Mas nada tranquila foi a sua recepção entre os poucos que liam e admiravam o poeta. É muito conhecido o episódio: Adolfo Casais Monteiro lamenta, nos dias imediatos, a estreita *medida* nacionalista que a inauguração do grande vate em livro português, julgado secundário, dá de si próprio e a resposta desconcertante deste não sem desautorizar o jovem admirador: "concordo com os factos que foi a melhor estreia que poderia fazer", "sou um dos poucos poetas portugueses que não decretou a sua própria infalibilidade, nem toma qualquer crítica, que se lhe faça, como um acto de lesa-divindade. Além disso, quaisquer que sejam os meus defeitos mentais, é nula em mim a tendência para a mania da perseguição"⁽¹¹⁰⁾.

Pessoa insistia na questão fulcral: génio que não se faça valer em vida, por talento ou argúcia, dispõe apenas da geração imediata para se repescar imortalmente do olvido. Assim, a "posteridade quer que sejamos sucintos e precisos"^(m). Em *Mensagem* deu-se, década e meia, a essa tarefa: é finalmente a sucinta luz plotínica do texto sintético digno do poeta obcecado com o inacabamento e o precário da sua posteridade e imortalidade (a ponto de não conseguir "acabar" em português

⁽¹⁰⁸⁾ Á. Campos, *Livro de Versos*, *ob. cit.*, trecho 71'-19, p. 289.

⁽¹⁰⁹⁾ R. Reis, *Prosa*, *ob. cit.*, frags. 61 e 63, pp. 221 e 223.

⁽¹¹⁰⁾ Carta a Adolfo Casais Monteiro, 13-1-1935, F. Pessoa, *Correspondência. 1923-1935*, *ob. cit.*, p. 337.

⁽¹¹¹⁾ F. Pessoa, *Heróstrato*, *ob. cit.*, p. 101.

outro poema), não o Camões da narrativa mítica do achamento mas o superCamões, no mesmo mar interior e anterior, *O mar anterior a nós*⁽¹¹²⁾, o da *ilha indescoberta* de "A última nau"⁽ⁿ³⁾, o do *porto sempre por achar*^(lu) Foi a melhor, a mais completa, estreia em poesia portuguesa que poderia fazer. Tudo hesitou; no demais sobrepujam formas dubitativas às definitivas, de Caetano de Castro, que teve de matar, a Reis, que teve de emigrar; Campos foi um flagelo para publicar a não ser fragmentos, embora imortais; do *Banqueiro anarquista* Pessoa não conseguiu ultimar a edição definitiva. Nem o *Livro* de Bernardo Soares, nem a "novela policial" estavam prontas quando patrão e patrono, tradutor de correspondência estrangeira (*Venham dizer-me que não há poesia [...] nos escritórios*, da *Ode Marítima*), entrou no hospital de S. Luís dos Franceses.

Se a sua arte poética é um manual de precisão e teoria técnica, sobretudo a sua posição ética fica nela salvaguardada através da criação mitopeica, mitopoética. É uma experiência de perfuração da opacidade do tempo. A antropomorfização da Europa, de Portugal, do Mostrengo, da mão do Ocidente, antemanhã do passado^{112 113 114 (115) 116 117}, de nevoeiros e incertezas, dá corpo à ilusão consciente; na reminiscência platónica que é conhecer, na invocação explícita dos pais da pátria, neles Afonso Henriques, *Pai, foste cavaleiro*⁽¹¹⁶⁾, a espada que numa visão homológica da história passa de mão em mão pelas gerações é a mesma, pode ser o *graal*, a espada de Aquiles ou a do das mil artimanhas; as mães, Tareja, Filipa de Lencastre, cujos seios nutriram sem fim o envelhecido *homem que foi o teu menino*⁽¹¹⁷⁾ Portugal, amamentam a loucura sem a qual *a besta sadia, é cadáver adiado que procria*; a esfinge sem rosto de Ulisses, o puro começo mítico do (deste) mundo, e a estranha dança da fogueira dos Titãs delindo-se em silêncio pelos vales da Terra, certificam o território e o tempo épicos onde a Teogonia, como em Hésíodo, desagua na mitogonia e se desfaz, antropogónica, como uma onda quebrada, a espuma desvendando e ocultando a orla; deuses ou o Deus da invocação é uma contrução

(112) F. Pessoa, *Mensagem* (ed. anotada e int. por António Apolinário Lourenço), Braga-Coimbra, Angelus Novus, 1994, p. 77.

(113) F. Pessoa, *Mensagem*, *ob. cit.*, p. 88.

(114) F. Pessoa, *Mensagem*, *ob. cit.*, p. 78.

(115) Na tradição épica *Oriens é a antemanhã do devir* (*Eneida*, V, 42, 739).

(116) F. Pessoa, *Mensagem*, *ob. cit.*, p. 58.

(117) F. Pessoa, *Mensagem*, *ob. cit.*, p. 78.

platonica arrancada da prospeção do nada que o voluntarismo mosaico propusera; para o militante simpótico, não são mortos ou imortais os que no simposio dos deuses estão a mais, mas vivos que não alcançam ou entendem o signo imortal da sua existência singular, nem falam humanamente com deidades. Pessoa não é o *Capitão do Fim* no poema mas *esse que regressarei*: as dismorfias da Esperança (*Sperai*, '*Sperança consumada, esp'rança*), como se nem a palavra se objetivasse inteira, a aventura e a obra, são vozes que vêm no ressoar das ondas, conferindo-lhes a densidade trágica do impercetível no instante em que se anunciam; acaso e destino, Temporal e Loucura, jogam-se como dados momentâneos no tabuleiro cósmico da História; a circularidade de um tempo quaseperfeito é o estásimo onde a cada instante estilhaçado (*É a Hora!*; *Não sei a hora, mas sei que há a hora*) se intrometem imagens retratadas do futuro, passado, presente - já anunciado por Campos na *Ode Triunfal*, *Porque o presente é todo o passado e todo o futuro*, e noutros versos e assinaturas em livros velhos que arquivam

"(Tinta remota e desbotada, aqui presente para além da morte
Ó enigma visível do tempo, o nada vivo em que estamos!)"⁽¹¹⁸⁾

-, presente no qual *É a Magia que evoca / o Longe e fez dele história*^(m), num vaivém angustiante de marés e marinheiros que na galeria estática de retratos do tempo faz ressurgir luz de fantasmas de velas ventos e navios, entre o passado mnésico e a aurora espectral, o *despertar* do sol por nascer, primavera adiada em cada vida, cada época, cada *civilização*, senão a primeva que se imaginou, sonhou civilizada.

O mundo e a sua temporalidade cabem em oito versos de um poema, é o velho projeto reenunciado. Na cosmogonia pessoana, se o "mundo é um pensamento" como indicara Martins em Camões^{118 119 (120) 121}, o poeta demiurgo, o que usa o *poder de expressão, mediador*⁽¹²¹⁾ (também Pessoa lê em Whitman, "the medium [of] Modern Times"⁽¹²²⁾), reinstala-se no espaço clássico agora vazio - um presente vazio se não for preenchido

⁽¹¹⁸⁾ Á. Campos, *Livro de Versos*, ob. cit., trecho 69-13, p. 314.

⁽¹¹⁹⁾ F. Pessoa, *Mensagem*, ob. cit., p. 82.

⁽¹²⁰⁾ Oliveira Martins, *Camões*, ob. cit., IV, p. 151.

⁽¹²¹⁾ F. Pessoa, *Heróstrato*, ob. cit., frag. 58, p. 111.

022 cf Ludwig Scheidl, "A componente whitmaniana nas Odes de Álvaro de Campos", *Biblos*, vol. LV, 1979, pp. 6-7.

pelas miragens reconstruídas do passado e ilusões prospetivas do futuro -, entre Caos e Cosmos, homens e deuses, o indecifrado e o que se pensa saber. É aquele que reconhece nesse cosmo tanto a criação humana, sonho, não só repetido referente de *Mensagem*⁽¹²³⁾ mas da obra estilhaçada (também o sonho tem um carácter apocalíptico n'Os *Lusíadas*), quanto movimento regulado por forças e leis que tenta sem cessar descobrir. Os que lêem no poema axioma numerológico da nova *Bíblia*, reduzindo-o a prece escatológica ou a simples tabuada e regra de três simples, apenas fartam a sua mesma sede dogmática de leitores espelhada em versículos alheios. Espelho de sublimes distorções, em *Mensagem* é a arte como história que acha o acabamento, *faz-se história*, reatando em Camões paganismo transfigurador e cristianismo. Relendo-o àquela luz religa duas tendências, hermética e neopagã, em que dividiu a alma; afinal é possível o encontro heterodoxo, esotérico e hermético, de matriz rosacruziana, acochado em crescente intensidade^{123 (124)} - mas não totaliza um criador⁽¹²⁵⁾ que não faz "Votos perpétuos" em Deus-pessoa, ou em homens-deuses, como há muito se indicou⁽¹²⁶⁾ ¹²⁷ e testemunhou Caeiro, o gentio de *uma religião universal que só os homens não têm*⁽¹²⁷⁾:

"Tensar em Deus é desobedecer a Deus [...]
E Deus amar-nos-á fazendo de nós
Belos como as árvores e os regatos"⁽¹²⁸⁾.

Ora, se a reabilitação gnóstica e mística da tradição judaica e neoplatónica inscreve as Idades do ser nas Idades do mundo; a degeneração é habitada pela esperança do retorno à Idade do Ouro, mas também

⁽¹²³⁾ Da Introdução de A. A. Lourenço a F. Pessoa, *Mensagem*, *ob. cit.*, p. 38.

⁽¹²⁴⁾ Da Int. de A. A. Lourenço a F. Pessoa, *Mensagem*, *ob. cit.*, pp. 30-33.

⁽¹²⁵⁾ Na versão da crítica ao "ideal estético" de António Botto, não a editada em *Contemporânea* (1922) mas por este (1932), a religião, ao disciplinar as emoções por uma unidade intelectual "superior", "não é mais do que uma subordinação dos sentidos a uma regra super-sensual, quer a simbolize o Cristo Crucificado das Igrejas ou o Compasso e Esquadro da Maçonaria" - F. Pessoa, *Apreciações literárias* (reimp. da ed. de Petrus), Aveiro, Estante, 1990, pp. 117-18.

⁽¹²⁶⁾ Agostinho da Silva, *Um Fernando Pessoa* (1959), Lisboa, Guimaraes, 1996, p. 33.

⁽¹²⁷⁾ Alberto Caeiro, *Poemas*, "O Guardador de Rebanhos", VI, 7ª ed., Lisboa, Ática, 1979, p. 29.

⁽¹²⁸⁾ Alberto Caeiro, "Poemas inconjuntos", *Poemas*, *ob. cit.*, p. 84.

instaura, no reverso e de modo mais completo, uma epistemologia poética, não se acha outra expressão para designar essa tensão para inscrever um novo método de conhecer os limites temporais através da poesia, para sair fora do tempo - e caminho para decifrar não o real em si mas as significações que dele se podem eleger, num jogo que fura os limites do tempo e o nexa das Eras numa versão da temporalidade. Paganizando Spinoza, para o poeta que lhe herdara o caráter refratário e insurrecto e talvez o pampsiquismo que Pascoais esquecia, só sob o ponto de vista dos deuses a história seria inteligível: e como a visão *sub specie aeternitatis* parece vedada a mortais, pela intervenção dogmática do arame farpado autoritário, entra em incumprimento a presunção omnicompreensiva de incautos, resguardando-se Pessoa do divã analítico vazio do Ser, usado o cadáver ahistórico para lhe dissecar a alma e a vida.

Na *Mensagem* fundem-se ciclos históricos e os tempos ou Idades do ser (o quinto império é o do triunfo da poesia, como a *História do futuro* o fora da prosa) na Raça dos descobridores, mítica raça forjada pelos aedos gregos⁽¹²⁹⁾, pois, se *deuses e homens são uma raça só*, como queria Píndaro-Pessoa⁽¹³⁰⁾ ¹³¹, o poeta argonauta dos novos tempos aditaria o desprezo por tudo *o que seja menos que descobrir um mundo novo* (dita no *Ultimatum*)^(m): o poema é a descrição fantasiosa desse novo mundo metahistórico e a notícia do achamento gnóstico da incerta hora em que o intuiu. Qualquer referência histórica é contrafação historiográfica: a poesia triunfa sobre a história, como gênero e evento literário. A invenção é a sua arma de arremesso, mitopeia da órfica descida aos infernos para resgatar das trevas o que resta da divina imperfeição humana trazendo à tona, do fogo a libertando, a elegia da humana imperfeição divina. A falha grosseira de atuais e velhas leituras historicistas de *Mensagem*, que ao sobrevalorizarem a "história" e o "destino nacional" ignoram a historicidade do poema, reside nesse preciso desprezo pela dimensão narrativa da poética como gnose, inventiva capacidade mitopeica. Apesar da claridade redentora, *Mensagem* não nos salva *de nós próprios*: não é promessa de regime, programa de governo, ou receita orçamentada na insciente política da cegueira.

(129) É Pessoa/ *Mensagem*, ob. cit., p. 95, notas 128 e 129.

(130) p Pessoa, *Páginas de doutrina estética*, ob. cit., p. 52.

(131) Cf. R Archer, *Sentido(s) da utopia*, ob. cit., pp. 72-73.

Antropodiceia em quartos alugados

"Estamos perto de acordar, escreve-o Novalis, quando sonhamos que sonhamos"⁽¹³²⁾. É a *Hora*, intuí no poema epitáfio, mas hora irre velada sem a condição histórica da sua visibilidade ou possibilidade temporal. É uma hora no escoamento da ampulheta pessoana, em que o Tempo não assoma como epifania mas tão só intuição dela. A finalidade da arte (aí, como a da historiografia maior ou a da filosofia sem avenças) é a de *aumentar a autoconsciência humana*, por palavras de Pessoa. Mas a imaginação que a faz à arte sem evasivas ou condições, é disciplinada aluna da hipótese compreensiva sem a qual a historiografia se arruina em vaga efêmera desaguardo na praia.

Esse o trabalho do tempo, no desaguar, no fluir, o grande aliado da oficina do poeta, ou da sociedade de síndicos e tradutores da sua religião poética, que redigem memorandos e poemas teológicos dedicados à Natureza, à máquina, à menina dos chocolates, excertos de uma antropodiceia que invoca mitos e genealogias fabricados à maneira clássica, com a linguagem própria do tempo, para se fazerem acreditar. Se, em 1919, *busca um porto longe uma nau desconhecida* e *É esse todo o sentido da minha vida*; em 1930, exausto da viagem, Pessoa é um *navio que chegou a um porto e cujo movimento é ali estar*⁽¹³³⁾. Em duas décadas devorou uma vida *doida* pelo pensamento, fatura saldada conscientemente por à semelhança de Nietzsche intuir em si o génio e sustentar a intuição, experienciando a dor de a cevar⁽¹³⁴⁾. Mas o seu *tempo mental* superou e expandiu qualitativamente o parco e difícil tempo material que lhe foi dado viver. Perseguia não a eternidade ôntica mas a imortalidade, memória viva de si mesmo que, em tributo a *Ode on the intimations of Immortality*; de Wordsworth, é hermenêutica do existir. Nunca foi Pessoa tão vivo como depois de morto. Quer dizer: não só porque agora é lido e treslido; mas por haver aí, sob o que ele intuía ser uma espécie de superfície do tempo, modal linguarejar tecnológico da superfície, uma temporalidade resistente e funda que não o deixa morrer. E a sua *capacidade mitopeica* é quase inesgotável, enquanto não se escoar o intangível e o ignoto em todo o passado e todo o futuro que o

(132) p Pessoa, *Páginas de doutrina estética*, ob. cit., p. 141.

(133) Cf. F. Pessoa, *Novas poesias inéditas*, ob. cit., pp. 33 e 135.

(134) P. Sloterdijk, *Sobre la mejor a de la buena nueva*, ob. cit., p. 58.

instante aspira em cada poema, cada presente. Na mais sublime das artes, a poética, naquela que a si se diz em palavras, Pessoa, ao transfigurar a historia e suas leituras, faz o elogio da ignorância no turbilhão do tempo e o apólogo de uma antropodiceia - a justificação da Idade dos homens - para a inteligir. O buraco negro, onde estática, calma, a poesia respira inteiramente o ser, é o não-tempo em que o ser se dá à (sua) intranquila respiração. O eremita lisboeta, peregrino por tascos e quartos alugados, não descobriu melhor lugar para viver e dizer a vida que não teve senão dentro de si. *Se por acaso a vida é mentira, a morte também o é*, escreveu um poeta seu contemporâneo. Nada melhor se dirá da sede de imortalidade de F. Pessoa,

"Vá. Veja eu o abismo abrir-se entre mim e a costa,
O rio entre mim e a margem,
O mar entre mim e o cais,
A morte, a morte, a morte, entre mim e a vida!"⁽¹³⁵⁾

Nos versos de Caetano, o poeta sentia *uma alegria enorme / Ao pensar que a minha morte não tem importância nenhuma*: não é pois o cidadão Pessoa, metódico e lento suicidário em geração órfica com Sá-Carneiro para quem a morte teria senso algum senão "um sono mais denso"⁽¹³⁶⁾, mas a sua operação poética que ilumina essa alegria póstuma, no gozo antecipado de ter escrito o que pensou, de ter pensando a escrita,

"Se, depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia,
Não há nada mais simples.
Tem só duas datas - a da minha nascença e a da minha morte.
Entre uma e outra coisa todos os dias são meus"⁽¹³⁷⁾.

Claro que haverá sempre quem, indisposto com o poeta, como Álvaro de Campos, envie o recado: "diga ao Fernando Pessoa que não tenha razão". Os dias, ao contrário do que julgavam afirmar os senhores do tempo, pertencem a cada um e ninguém.

⁽¹³⁵⁾ Á. Campos, *Livro de Versos*, ob. cit., trecho 71'-7, p. 221.

⁽¹³⁶⁾ Mário de Sá-Carneiro, *A confissão de Lúcio*, Lisboa, Ática, 1973, p. 164.

⁽¹³⁷⁾ A. Caetano, "Poemas inconjuntos", *Poemas*, ob. cit., pp. 85 e 86.